



GT 24. Construções biográficas como narrativas do protagonismo indígena

Coordenador(es):

Ana Flávia Moreira Santos (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Rita de Cássia Melo Santos (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Há algumas décadas o debate sobre protagonismo e “agency” vem se destacando na Antropologia, sobretudo em relação às populações indígenas. Se, por um lado, propostas vinculadas a esse movimento resultaram em uma mudança de perspectiva nos modos como essas coletividades são pensadas, por outro persiste uma dificuldade em compreendê-las como parte integrante e fundamental das múltiplas formações políticas brasileiras existentes nos períodos colonial, imperial e republicano. A outrificação e a externalidade desses grupos continuam a ser etnográfica e teoricamente produzidas, muitas vezes contrariamente à sua própria colocação política. Trata-se, em muitos casos, da manutenção de um certo exotismo, que teima em subsistir na Antropologia. Este GT pretende, ao inverso, reunir trabalhos que permitam apreender o protagonismo indígena em diferentes tempos e escalas, por meio de biografias e de modalidades associadas a essa forma narrativa (trajetórias, relatos autobiográficos, histórias de vida, etnobiografias). A escolha pelo gênero biográfico busca destacar os múltiplos trânsitos dessas populações, reconstruindo seus horizontes de possibilidade e ação a partir de situações concretas, presentes e passadas. Às contribuições teóricas do campo da Antropologia somam-se as reflexões da História, da Sociologia, dos Estudos Literários, num esforço de promover uma compreensão mais ampla do protagonismo indígena.

Cacique Guiragibe: entre o silenciamento e o protagonismo indígena no século XVI

Autoria: Valclecia Bezerra Soares (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A história do Brasil se estrutura a partir de pontos de referências que exaltam as imagens dos colonizadores em detrimento das populações indígenas. Discursos produzidos pela historiografia, pelos monumentos, estruturas de edifícios dos séculos passados, em sua maioria, ressaltam feitos de “grandes” personagens que teriam sido responsáveis por expedições, batalhas, conquista e expansão de territórios. Esses discursos produzidos construíram lugares de memória e lugares de esquecimento atualizados ao longo dos séculos, desempenhando diferentes funções sociais. Dentro das narrativas contadas pela história, foram realizadas buscas por vestígios dos povos indígenas em especial do cacique tabajara Guiragibe que viveu no século XVI, para, a partir desses fragmentos, construir uma narrativa que possa apontar para a presença indígena na “conquista” da Paraíba. Ao mesmo tempo, levando em conta a dificuldade de encontrar informações, demonstrar o silenciamento a que esses grupos foram submetidos. Partindo do levantamento bibliográfico sobre a História da Paraíba e da identificação da presença indígena como elemento central em sua formação, esse work busca compreender a trajetória do cacique Guiragibe e sua relação com o contexto em que viveu e as alianças e conflitos na Paraíba entre a segunda metade do século XVI e início do século XVII. A pesquisa contou com poucas informações, mas com registros recorrentes sobre a presença de Guiragibe no primeiro século da colonização, com alianças com portugueses e com os Potiguaras, nas expedições de expansão do território, em construções de fortificações e engenhos etc. A dificuldade de encontrar informações sobre os povos indígenas no geral e sobre lideranças específicas, mesmo que essas apareçam constantemente nos registros, é sintomático do processo de silenciamento e apagamentos desses grupos. O objetivo desse work é proporcionar um espaço para novas interpretações das narrativas “oficiais” que possibilitem a compreensão dos povos indígenas no Brasil, em especial na Paraíba, como sujeitos ativos, cujas ações foram não só



indispensáveis para concretização do projeto colonizador, como também foram pautadas a partir de interesses políticos desses grupos, utilizando-se das alianças como estratégia para fortalecimento contra seus inimigos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: